



# PSICOLOGIA ARGUMENTO

ISSN 0103-7013  
Licenciado sob uma Licença Creative Commons



doi: <http://dx.doi.org/10.7213/psicolargum.36.93.AO03>

## **O lugar da psicologia no ensino médio: a arte como mediação do trabalho com adolescentes.**

The place of psychology in high school: art as mediation of work with teenagers.

El lugar de la psicología en la escuela secundaria: el arte como mediación del trabajo con adolescentes.

---

Fernanda Pereira Medeiros <sup>[a]</sup>.

<sup>[a]</sup> Mestre em Psicologia como Profissão e Ciência pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas na linha de pesquisa “Intervenções psicológicas e processos de desenvolvimento humano”. Orientadora Educacional em uma escola privada do município de Campinas/SP  
Email: [fernandapereiramedeiros@gmail.com](mailto:fernandapereiramedeiros@gmail.com)

Guilherme Siqueira Arinelli <sup>[b]</sup>.

<sup>[b]</sup> Mestrando em Psicologia como Profissão e Ciência, pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas na linha de pesquisa “Intervenções psicológicas e processos de desenvolvimento humano”. Possui graduação em psicologia e atua na área da Psicologia Escolar e Educacional com interesse em desenvolvimento humano, processos educativos e orientação profissional.

Vera Lúcia Trevisan de Souza <sup>[c]</sup>.

<sup>[c]</sup> Docente e Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas na linha de pesquisa “Intervenções psicológicas e processos de desenvolvimento humano”.

---

### **Resumo**

O artigo apresenta um recorte de pesquisa fundamentada nos pressupostos teórico-metodológicos da Psicologia Histórico-Cultural, que objetivou investigar a vivência do

período pré-vestibular por adolescentes. As informações foram construídas em 15 encontros, mediados por expressões artísticas, com um grupo de estudantes que cursavam o terceiro ano do Ensino Médio de uma escola particular. Como resultado, evidenciou-se que muitos são os cenários que constituem as escolhas profissionais dos jovens e interferem na configuração dos seus modos de pensar o mundo e a si próprios, em relação à escolha da profissão e ao futuro. Há relevância do papel dos professores e da instituição escolar no direcionamento das escolhas dos adolescentes que parecem sucumbir à força exercida pelo social, afastando-se das possibilidades de protagonismo de suas histórias. Os encontros, mediados pela reflexão sobre suas condições de vida e futuro, se configuraram como possibilidade de ressignificação dessas relações.

**Palavras-chave:** Orientação Profissional, Psicologia Histórico-Cultural, Psicologia Escolar, Adolescência.

### **Abstract**

The article presents a research cut, based on the theoretical-methodological assumptions of Historical-Cultural Psychology, which aimed to investigate the adolescents' experience of the pre-vestibular period. The information was constructed in 15 meetings, mediated by artistic expressions, with a group of students who attended the third year of high school in a private school. As a result, it has been shown that many scenarios constitute the professional choices of young people and interfere in the configuration of their ways of thinking the world and themselves, in relation to the choice of profession and the future. There is relevance of the role of teachers and the school institution in directing the choices of adolescents who seem to succumb to the force exerted by the social, moving away from the possibilities of protagonism of their stories. The meetings, mediated by the reflection on their living conditions and future, were configured as a possibility of re-signification of these relations.

**Keywords:** Vocational Guidance, Historical-Cultural Psychology, School Psychology, Adolescence.

### **Resumen**

El artículo presenta un esbozo de investigación basado en los supuestos teórico-metodológicos de la psicología histórico-cultural, cuyo objetivo es investigar la experiencia del período de examen de ingreso preuniversitario por parte de los adolescentes. La información se construyó en 15 reuniones, mediadas por expresiones artísticas, con un grupo de estudiantes que asistían al tercer año de secundaria en una escuela privada. Como resultado, quedó claro que muchos son los escenarios que constituyen las elecciones profesionales de los jóvenes e interfieren en la configuración de sus formas de pensar el mundo y ellos mismos, en relación con la elección de la profesión y el futuro. Es relevante el papel de los docentes y la institución escolar al dirigir las elecciones de los adolescentes que parecen sucumbir a la fuerza ejercida por lo social, alejándose de las posibilidades de liderar sus historias. Las reuniones, mediadas por la reflexión sobre sus condiciones de vida y futuro, se configuraron como una posibilidad de resignificación de estas relaciones.

**Palabras clave:** Orientación vocacional, Psicología histórico-cultural, Psicología escolar, Adolescencia.

## **Introdução**

### **1.1. O contexto atual do Ensino Médio brasileiro**

Em um recente levantamento no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, utilizando-se dos descritores "Ensino Médio", identificamos 30272 registros referentes aos anos de 2015 e 2016. Percebemos, assim, que este segmento de ensino tem se constituído como objeto de estudo de grande interesse de pesquisadores de diversas áreas.

A fim de conhecermos melhor o universo de produções referente ao campo da Psicologia, especificamos mais a busca, na mesma base de dados, utilizando das palavras "Ensino Médio e Psicologia". Para a nossa surpresa, foram identificadas 33036 produções. Sendo que a maioria das pesquisas abordava a dimensão do ensino propriamente dita, ou seja, temas relacionados ao currículo e à didática. Identificamos, também, estudos envolvendo a docência, a Orientação Profissional e temáticas voltadas à compreensão da constituição da subjetividade do sujeito, que investigaram os sentidos da escola, as representações sociais, entre outros.

O grande número de produções indica o alto grau de relevância sobre temas que correlacionem Ensino Médio e a Psicologia. Tal fato corrobora com os esforços do grupo de pesquisa Processos de Constituição do Sujeito em Práticas Educativas, PROSPED, ao qual os autores deste artigo se vinculam, por desenvolver pesquisas com este enfoque de atuação a mais de uma década. Utilizando-se dos pressupostos da Psicologia Histórico-Cultural, sobretudo os de Vigotski, o presente grupo visa compreender o contexto escolar a partir de uma perspectiva crítica.

Conforme observado no levantamento, Oliveira (2012) evidencia que, em sua grande maioria, as pesquisas realizadas em escolas de Ensino Médio não problematizam esta etapa da escolarização, tampouco os sentidos e significados que os jovens atribuem a esse ensino. Ao desconsiderar a complexidade do Ensino Médio, a maioria das pesquisas volta-se ao estudo das metodologias de ensino das diferentes disciplinas como, por exemplo, português, matemática ou ciências.

De acordo com o relatório parcial do programa "Educação para todos" (2014), que se propõe a realizar um levantamento dos principais indicadores educacionais do país no intervalo de 2000 a 2015, o Ensino Médio teve um crescimento absoluto de números de matrícula de 8.192.948, em 2000, para 8.312.815, em 2013. Sendo que a maioria da população do Ensino Médio esteve matriculada na rede pública, com maior participação desta em 2007. A partir daí foram identificadas pequenas quedas nos números de matrículas nesse âmbito, acompanhadas de igual crescimento na rede privada (Brasil, 2014).

Para Barbosa (2012), que realizou o resgate histórico da constituição do Ensino Médio brasileiro, evidencia-se um modelo de educação que ora se apresenta orientado ao estudo propedêutico, ora mostra-se direcionado a formar para o mundo do trabalho. Deste modo, o autor evidencia a dificuldade de se alcançar o objetivo proposto para o Ensino Médio, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB, 9.394/96). Esta, por sua vez, regulamenta o sistema educacional, seja público ou privado, da Educação Básica ao Ensino Superior, intervalo no qual está contido o Ensino Médio. A LDB (9.394/96), Logo, no que diz respeito ao Ensino Médio, define que este nível de

ensino deve ser uma continuação dos estudos do Ensino Fundamental I e II, bem como uma preparação para a continuação em outros níveis de ensino, como o Ensino Técnico ou Ensino Superior.

São as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) que orientam com mais detalhes o caminho que deve ser trilhado a fim de que as funcionalidades do Ensino Médio, de acordo com a LDB, sejam garantidas. Elas dão essa direção ao estabelecer dimensões que devem estar em consonância para que a prática do cotidiano escolar se efetive pautada nos parâmetros estabelecidos pela LDB. Para a Base Nacional Comum Curricular, trata-se de uma divisão em quatro “dimensões” que se devem pautar a formação integral dos sujeitos no Ensino Médio, são elas: trabalho, ciência, tecnologia e cultura (Brasil, 2015).

Barbosa (2012), ao realizar um levantamento de diferentes pesquisas desenvolvidas a respeito do Ensino Médio atenta para a dificuldade em manter e articular as dimensões polarizadas que constituem essa etapa do ensino: trabalho e estudo. Para o autor, os objetivos que pretendem atingir os documentos oficiais carecem das reais necessidades desses jovens que raramente são ouvidos no momento em que as leis são postuladas. Portanto, as mesmas leis que deveriam garantir o cumprimento dos objetivos propostos, não garantem a transformação da realidade em que buscam interferir. Neste sentido, o desafio principal seria superar a dicotomia de objetivos estabelecidos ao longo da constituição histórica desta etapa da escolarização.

## 1.2. O contexto da Orientação Profissional no Brasil

O surgimento dos vestibulares no Brasil, enquanto exames de admissão ao Ensino Superior, remonta a 1911. A partir de então, o Ensino Superior passou a se constituir como um percurso quase natural aos jovens de classes médias e altas que finalizavam o Ensino Médio, muitas vezes entendido como o único modo de acesso ao mundo do trabalho (Lautério & Nehring, 2012; Whitaker, 2010).

A valorização do Ensino Superior passou, então, a redirecionar o enfoque do Ensino Médio brasileiro, especialmente no âmbito privado, que passou a constituir suas bases em um ensino melhor adaptado à preparação do aluno para o êxito e aprovação nos vestibulares. Para D’Ávila & Soares (2003) e Whitaker (2010), a preocupação com a aprovação nos processos seletivos das universidades também impactou na redução de espaços direcionados à busca e reflexão das profissões e dos processos de escolha.

Assim, o Ensino Médio, em especial no âmbito privado, passa a se preocupar quase exclusivamente com o preparo para o bom desempenho nos vestibulares. Este movimento potencializa o que alguns autores denominam de indústria do ensino por centrar-se nos retornos financeiros proporcionais ao investimento realizado (Alvim, 2011; D’Ávila & Soares, 2003). A finalidade principal se torna, portanto a garantia da vaga no Ensino Superior, sendo que outras dimensões da formação desses jovens acabam ficando restritas a projetos ou atividades extracurriculares.

Na pesquisa realizada por Alvim (2011), a autora pôde observar que quando questionados sobre o mundo do trabalho, os jovens das escolas privadas verbalizavam obrigações e preocupações fundamentadas em fantasias ou conceitos desprovidos de reflexão crítica. Justificavam, ainda, a necessidade de um curso superior como a única

forma de manter-se no mercado de trabalho. Portanto, a preocupação desses jovens não estava na relação com a escolha da profissão, mas sim com a incerteza de ingressarem em uma universidade logo que finalizassem o Ensino Médio. Neste sentido, a atuação do psicólogo escolar, por meio de um processo de Orientação Profissional poderia contribuir para ampliar as possibilidades de escolha desses jovens, que mesmo com tantas possibilidades materiais de desenvolvimento, acabam por limitar suas possibilidades para tentar corresponder à lógica de mercado. (Alvim, 2011)

A pressão por obter uma vaga no ensino superior, leva muitos jovens a prestarem o vestibular precocemente, com 15 ou 16 anos (D'Ávila & Soares, 2003). A preparação para as provas pode se configurar como um momento de grandes ansiedades, justamente por terem de lidar com as possibilidades de fracasso e reprovação no meio social em que estão inseridos. (Alvim, 2011)

Se tomarmos como base que a escola é o espaço em que se tem acesso aos conhecimentos formais acumulados ao longo da história de desenvolvimento humano, e o Ensino Médio, como preveem as leis que regulamentam esse ensino, o momento da formação que deveria preparar o jovem para a continuação dos estudos ou para o mundo do trabalho (Brasil, 1996), há que se questionar o lugar de protagonismo desses jovens nesse ensino.

### **1.3. A Psicologia Histórico-Cultural e a Orientação Profissional**

Ao assumirmos os pressupostos da Psicologia Histórico-Cultural, sobretudo os conceitos trabalhados por Vigotski, compreendemos que a escola deveria configura-se enquanto um espaço promotor do desenvolvimento humano. Souza e Andrada (2012), ancoradas nessa concepção, compreendem a ação do psicólogo escolar como mediadora do processo de construção das Situações Sociais de Desenvolvimento. Situações, estas, promotoras de vivências que produzem a compreensão dos múltiplos significados e determinações do sujeito, das condições materiais de sua existência e dos processos de ressignificação. A atuação do profissional psicólogo, portanto, deveria potencializar o desenvolvimento de novos modos de pensar e agir sobre si e sobre o mundo.

De acordo com Vigotski (1931/2006), é o modo como o sujeito vivencia determinada situação que irá constituir o seu desenvolvimento, ou seja, não há como separar sujeito e meio, pois toda vivência está apoiada em uma articulação real e dinâmica, entre o meio e indivíduo.

A vivência é uma unidade na qual, por um lado, de modo indivisível, o meio, aquilo que se vivencia está representado – a vivência sempre se liga àquilo que está localizado fora da pessoa – e, por outro lado, está representado como eu vivencio isso, ou seja, todas as particularidades da personalidade e todas as particularidades do meio são apresentadas na vivência, tanto aquilo que é retirado do meio, todos os elementos que possuem relação com dada personalidade, como aquilo que é retirado da personalidade, todos os traços de seu caráter, traços constitutivos que possuem relação com dado acontecimento. (Vigotski, 1935/2010, p. 686)

Esses aspectos do ambiente, que os constituem como situações sociais de desenvolvimento, não estão dados a priori, mas são construídos nas interações que se empreendem no contexto. O modo como um sujeito vivencia algo nunca será igual ao de outro, visto que a situação social de desenvolvimento é diferente para cada indivíduo (Andrada, 2012; Veresov, 2012; Petroni, 2013).

Essa acepção permite pensar a Orientação Profissional como uma situação social de desenvolvimento que promova a vivência da escolha profissional como movimento de configuração de novos significados e sentidos, de ampliação da consciência. Diante do exposto, é possível assumir como objetivo da Orientação Profissional, pautada nos pressupostos da Psicologia Histórico-Cultural, intervir no meio de forma que favoreça a configuração de situações sociais de desenvolvimento capazes de despertar vivências que possam ressignificar a escolha profissional, a relação com o trabalho e a própria relação do jovem com o ambiente escolar.

Ao pensarmos no desenvolvimento das funções psicológicas superiores por meio de um processo de Orientação Profissional com adolescentes, acreditamos que a função psicológica que assuma maior prevalência seja a imaginação. É por meio dessa função que o sujeito se torna capaz de se projetar no futuro, tomando por base a vivência passada, sem se desprender da realidade presente (Souza, 2016; Vigotsky, 2009).

Para que possamos ter acesso a esses processos tão particulares do indivíduo, Petroni (2013) salienta a importância da fala na relação profissional do psicólogo escolar, por promover o acesso às expressões do sujeito, do que ele tem a dizer. Bem como a autora, nos defrontamos com duas justificativas para a utilização da teoria em questão no que diz respeito à Orientação Profissional na perspectiva crítica e enquanto atuação do Psicólogo escolar: a função de mediador das relações no ambiente escolar que o psicólogo pode assumir; e, a importância da fala enquanto instrumento psicológico.

A fala tem caráter fundamental no que diz respeito ao desenvolvimento psíquico, mas quais são os espaços dedicados a essa importante função no ambiente escolar? Quais são as oportunidades para que os sujeitos que constituem as relações do contexto escolar possam se expressar? Poderia o psicólogo escolar por meio do espaço da Orientação Profissional configurar um lugar das interações produtoras de novos modos de ser e agir?

Clot (2014), ao discorrer sobre a relação da arte e a consciência nas obras de Vigotski, afirma que a arte serve como um caminho para colocar a emoção e o pensamento em movimento, oferece ideias novas como fonte de mudança para os afetos. Esse movimento só é possível porque a arte tem caráter dialético, contém em sua estética a própria contradição, o que dá forma ao inacabado e permite a transformação das relações do sujeito com o meio. (Vigotski, 1925/2001) Dessa transformação das relações do sujeito deriva uma nova qualidade das funções psicológicas superiores, visto que há nova compreensão de si e de realidade, há ampliação de consciência.

Especificamente, na Orientação Profissional com o uso da arte, podemos dispor da contradição que confronta os sentimentos opostos entre alcançar a independência profissional e ao mesmo tempo arcar com a responsabilidade dessa mesma escolha profissional; ou mesmo acessar, pela via da imaginação, um futuro possível sem se desprender do tempo presente na realidade. É nesse sentido que acreditamos que a arte proporciona ao sujeito uma relação libertadora com o mundo por vias da imaginação, pois é ela que permite ao jovem se antever no futuro, imaginar-se em uma ou em outra profissão e antecipar as consequências de sua escolha por dada profissão ou não.

Sustentados por essas concepções teóricas, objetivou-se proporcionar um espaço de reflexão sobre as escolhas profissionais, mediado pela arte, a jovens de Ensino Médio privado.

### **Método**

O presente artigo pauta-se em um recorte de uma pesquisa realizada em uma instituição privada de Ensino Médio, localizada na região central de uma cidade do interior do estado de São Paulo. A instituição foi escolhida pelo critério de viabilidade, visto que a pesquisadora estava inserida neste espaço como Orientadora Educacional.

Participaram da pesquisa 20 alunos do 3º ano do Ensino Médio, entre 16 e 18 anos, que aceitaram frequentar o grupo de Orientação Profissional em período de contra turno às aulas. Os alunos nunca haviam participado de um processo reflexivo a respeito da escolha profissional, apenas dois alunos já haviam realizado teste vocacional online.

Foram 15 encontros, com periodicidade semanal e duração de duas horas. Em todos os encontros eram apresentadas expressões artísticas para apreciação dos participantes e, posteriormente, investia-se em práticas dialogadas sobre as impressões do observado, sentido e vivido (Souza; Petroni & Dugnani, 2011). Apesar de se ter um planejamento prévio dos encontros, foram necessários ajustes de acordo com o modo com que os adolescentes se relacionavam com as propostas de reflexão no decorrer de cada encontro. As discussões foram gravadas em áudio, transcritas junto a diários de campo realizados após os encontros e no cotidiano escolar em que estava inserida a pesquisadora. Esse material serviu de base para a construção das análises e discussões apresentadas posteriormente.

Portanto, tratou-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo participativo e com características de pesquisa intervenção. Para análise dos dados, assumiu-se os pressupostos teóricos metodológicos da Psicologia Histórico-Cultural, sobretudo os de Vigotski (1931/1995), que defende o estudo do fenômeno da forma como ele aparece na realidade, apreendendo-o em movimento, considerando as contradições e tensões que o caracterizam.

### **Resultados e discussão**

Muitos são os cenários que constituem as escolhas profissionais dos jovens. Na escola, nas famílias, entre os amigos e grupos a que pertencem, os adolescentes vão configurando seus modos de ver e pensar o mundo e, conseqüentemente, o mundo do trabalho que pretendem ingressar. É por meio da configuração desses diversos cenários que o adolescente constitui suas escolhas, como elucida Vigotski (1935/2010) ao afirmar que o meio é fonte de desenvolvimento humano.

No decorrer da pesquisa, evidenciou-se um sofrimento prevalente nas interações que os jovens estabeleciam na escola, a tal ponto que espaços oferecidos à escolha profissional vinham se transformando em momentos de acolhimento à frequente angústia apresentada pelos alunos diante da aproximação dos exames vestibulares. Sofrimento que intrigava, visto as múltiplas possibilidades materiais disponíveis a uma classe social e econômica privilegiada. Ao mesmo tempo, era possível conferir os diferentes momentos em que surgiam, em conversas informais ou momentos de reunião, frequentes

reclamações de professores a respeito do desinteresse e apatia por parte dos jovens em relação aos conteúdos ministrados em sala de aula.

Essas vivências conduziram a buscar compreender a contradição observada nas relações: a indiferença dos jovens em sala de aula versus o medo intenso do fracasso, demonstrado nas conversas de acolhimento. O objetivo era construir formas de atuação do psicólogo escolar que se mostrassem como possibilidade de superar essa contradição. Em um contexto de trabalho tão marcado pelo conteúdo escolarizado com fins, exclusivamente, voltados ao acesso ao Ensino Superior, percebemos no espaço da Orientação Profissional em grupo, mediados pela arte, um momento de acesso e compreensão dessa realidade escolar. A Orientação Profissional, nesse caso, poderia apresentar-se como uma situação social de desenvolvimento capaz de promover a vivência da escolha profissional enquanto movimento de ressignificação e ampliação da consciência. (Medeiros, 2017)

Assim, em diferentes momentos dos encontros, os participantes identificaram a figura do professor e da escola como inimigos do próprio aluno. Entre os múltiplos desafios que devem ser enfrentados no cotidiano escolar, os jovens elegeram o professor como o maior deles. Portanto, o fator que mais atrapalhava o processo de aprendizagem era a relação professor-aluno que se desenvolvia dentro da sala de aula, conforme podemos perceber a partir do diálogo entre dois alunos após assistirem ao filme “Entre os Muros da Escola”<sup>1</sup>, de 2008, materialidade usada nos encontros de Orientação Profissional:

T<sup>2</sup>: Esse filme não é baseado em fatos reais né?

P: Ele retrata uma realidade na França, mas não necessariamente é uma história que aconteceu.

R: Ah, mas acho que isso acontece bastante. Ele retrata muito a realidade, o professor é o pior inimigo do aluno, sempre. Isso acontece muito em escola estadual e em particular também, mas menos.

T: Mas, é que muitas vezes não é o mesmo ritmo. É que muitas vezes o professor tá ensinando um conteúdo que ele já sabe.

R: É, o professor é formado, ele já sabe tudo, qualquer dúvida que você vá tirar, pra ele é tudo fácil.

[...]

R: Mas cada um tem sua ideia. O professor quer que o aluno sente ali e escute, mas ele não considera que às vezes o problema dele vem de casa, onde tem muita briga, e ele tem que sentar ali e esquecer tudo. Ele não vai mudar totalmente o jeito de ser a partir do momento em que ele senta em uma cadeira, ele vai fazer

---

<sup>1</sup> O filme, de nacionalidade francesa, foi dirigido por Laurent Cantet e conta a história do professor de francês, François Marin. O protagonista, ao ministrar aulas em uma escola localizada na periferia de Paris, enfrenta uma grande dificuldade na tarefa de envolver e estimular os seus alunos. François e seus colegas professores buscam se apoiar mutuamente, mas o descaso e a falta de educação dos estudantes apresenta-se como o principal desafio.

<sup>2</sup> Os alunos participantes da pesquisa são identificados pelas iniciais de seus nomes, a letra P, por sua vez, está identificando os momentos de fala da pesquisadora.



a mesma coisa que ele faz em casa. Então provavelmente o professor tem que dar alguma coisa pro aluno pra que ele se sinta melhor, tipo o sistema de medalha não é bom! Aquele sistema de medalha! Agora, que aluno chega pra mim e fala ‘nossa, ganhei uma medalha do professor hein..’ [sinal de positivo com as mãos], ou ‘olha minha estrelinha dourada, cara, que maneira!’ Ninguém vai chegar e querer fazer isso! Há toda uma discussão que se precisa fazer sobre o que a gente precisa fazer para inserir os alunos para que eles comecem a estudar se interessem por isso.

No diálogo, os alunos evidenciam como se sentem na relação que constroem no cotidiano escolar com seus respectivos professores. Idealizam o grau de instrução que o professor tem, mas ao mesmo tempo, de modo contraditório, é esse grau de instrução que impede que o aluno acesse o conhecimento, a partir do momento em que a dúvida não gera curiosidade, mas sim, medo.

Como consequência dessa relação idealizada, os alunos trazem exemplos de momentos em que não se sentem dignos do lugar que ocupam, não se sentem dignos de serem alunos da referida instituição, um sentimento de estar em dívida que nos leva a questionar seu impacto na vivência deste momento de escolhas já tão permeado de tensão.

P: E o que vocês sentiram?

T: Como assim? O que a gente sentiu?

P: Isso, o que vocês sentiram quando assistiram?

G: Pena. Semelhanças.

N: Bateu aquele negócio assim: dar valor nas coisas que a gente tem. [...]

S: Eu acho que eles não valorizam o pouco que eles têm.

P: Sim, e o que eles têm?

M: Quase nada!

J: E é engraçado que eles falam com um sorriso! Não dá nem pra entender direito o que ela fala, mas ela fala super feliz, de uma miséria enorme! Que a gente acorda segunda-feira e vem com cara mal humorada pra escola enquanto o pai tá lá trabalhando pra pagar, entendeu?

O trecho acima refere-se ao 1º encontro, o diálogo foi provocado pelas reflexões advindas do documentário “Pro dia Nascer Feliz”<sup>3</sup> também utilizado no decorrer dos encontros. A não valorização de si enquanto sujeito que atua no mundo aparece revestida, nesse trecho, do sentimento de que ter ou não sucesso depende exclusivamente do sujeito. Os alunos parecem ter se apropriado do discurso de que não aproveitam as oportunidades que são disponibilizadas pela instituição escolar e pelos responsáveis.

---

<sup>3</sup> Essa produção de 2007 contou com a direção de João Jardim e com a participação de adolescentes de diferentes regiões e classes sociais do Brasil. O documentário propõe-se a apresentar diversas situações vivenciadas pelos jovens, de escolas públicas e privadas, envolvendo precariedade de recursos, preconceito, sexualidade, violência e esperança.

Observa-se que os jovens não só responsabilizam os sujeitos de classe econômica mais baixa que a deles como responsáveis pelo próprio sucesso, como também o fazem consigo próprios. Logo, aumentam o nível de exigência do próprio desempenho de acordo com as condições socioeconômicas oferecidas, pois se pertencem a uma classe social mais abastada, se colocam na obrigação de ascender ainda mais econômica e socialmente, a partir das escolhas profissionais que realizarem.

Tal exigência tem origem muitas vezes no contexto familiar, mas também, no contexto escolar, à medida em que as falas dos professores em sala de aula se tornam marcantes na construção das histórias de vida dos alunos, visto a admiração e a necessidade em atender às expectativas que os alunos acreditam que os professores possuem em relação ao desempenho acadêmico de cada um deles.

Analisemos, a partir dos dados abaixo, o quão presente está a relação com os professores enquanto fundamento para as escolhas dos jovens:

Depois que já haviam apresentado quais profissões acreditavam que precisavam estar naquele contexto, revelei qual era o contexto, a Serra Pelada. Perguntei o que lembravam das aulas de História sobre esse lugar e quase nenhum deles conseguiu dizer sobre do que se tratava, apesar do professor de História ser o mais lembrado pelos alunos por sua rigidez e admiração que muitos têm por ele por acreditarem que ele os faz estudar.

Trecho do diário de campo do 7º encontro do grupo, discussões a partir das imagens de Sebastião Salgado na Serra Pelada.

Foram feitas relações importantes sobre o dinheiro nesse caminho e o sucesso versus a felicidade, a harmonia e até mesmo a morte enquanto certeza desse caminho. R. teve uma fala nesse momento que justifica um pouco de suas posturas em relação à importância do retorno financeiro na escolha profissional. Falou sobre a necessidade de ser lembrado, de deixar um legado, seja para o bem ou para o mal.

Nesse momento foi citado um professor de Matemática que já os havia questionado sobre isso, sobre o que deixariam para a humanidade. Esse mesmo professor sempre fala do quanto eles (professores) não têm tempo para ensinar outras coisas que não o conteúdo da apostila. Ficou claro nesse instante que a

própria conduta do professor servia como aprendizado aos alunos e não necessariamente o conteúdo que leciona em sala de aula, pois todos do grupo se lembravam dessa frase do professor em sala: *O que você vai deixar para a humanidade? Qual é o seu legado?*

Trecho do diário de campo do 6º encontro do grupo, discussões a partir da construção da Linha do Tempo após análise das imagens do autor Escher.

A partir da admiração e idealização que os alunos constroem em relação à escola, aos professores, ao que dizem em sala de aula, passam também a escolher as próprias profissões e as faculdades que pretendem ingressar. Ou seja, passam a escolher o modo como se relacionarão com o mundo do trabalho e, muitas vezes, o modo como organizarão as próprias relações pessoais. Na busca em atender as expectativas tanto da instituição escolar, como dos professores com os quais convivem, os jovens passam a balizar, sem espaço para a reflexão, as escolhas de suas vidas. É na relação com o meio social, no caso a escola, que os conhecimentos, os valores e os próprios modos de funcionar do sujeito são apropriados pelos adolescentes.

Entretanto, conforme já destacamos, o desenvolvimento do sujeito entendido como imbricado com o meio que o cerca, se caracteriza como um processo revolucionário que não prescinde de colisão permanente entre o que se é e o que se pode vir a ser (Vigotski, 1931/2006). É o coletivo que proporciona espaço para a significação e atribuição de sentido à esta colisão, como é possível verificar no trecho da transcrição do 1º encontro, discussão a partir do documentário “Pro dia nascer feliz”:

JO: Mas será também que todo mundo que faz uma universidade particular se dá mal? É que a gente escuta coisas aqui, aí escuta em casa. Por exemplo, se eu chego aqui no ano que vem e falo que tô fazendo Psicologia na em uma universidade particular qualquer. O cara já vai pensar: ah otária, vai ser pobre, entendeu? Pô você vai fazer dança, vai fazer teatro, todo mundo vai ficar te zoando, entendeu? Aí vai de você, ter uma personalidade forte pra bancar isso, ou não.

N: Envolve muita coisa JO, não é só personalidade.

J: As pessoas falam tanto que dá até medo sabe? E se eu fizer teatro e passar fome? E se, e se...

E também na situação seguinte no 6º encontro do grupo, após a apreciação das imagens do Escher e durante a construção de um painel decorativo:

R: Eu coloquei uma ideia que eu sempre tive de que: Nossa! A minha vida vai ser estudar, estudar, estudar e depois começar a trabalhar, trabalhar, casar, ter filhos, trabalhar, trabalhar e morrer. Eu sempre fui muito pessimista em relação a isso. Eu pensei, eu não me contento com isso, com a casa estável na cidade. Aí eu pensei e depois que eu morrer? Eu vou ser só uma pessoa aleatória no mundo. O que eu vou ser? Ninguém, praticamente. Daí que eu pensei que depois que eu morrer eu quero ser lembrado de algum jeito. Quero modificar alguma coisa, estar num livro de história. Pro bem ou pro mal, não importa. Deixar alguma marca de algum jeito, entendeu?

JO: Você acabou de falar a frase que a I escreveu: “Deixe seu legado”.

S: É foi o que o professor de matemática disse pra gente em sala de aula. Que tem que aproveitar mesmo, mas deixar nossa marca no mundo.

A partir dos diálogos acima podemos compreender como as falas de professores em sala podem ser impactantes no movimento de escolha profissional e escolhas de vida dos adolescentes. É por meio de falas constantes de professores, em momentos de aula, que o aluno passa a configurar e a imaginar sobre o próprio futuro. Os movimentos presentes nas relações intersubjetivas reconfiguram-se na medida que passam a ocupar o espaço intrasubjetivo. Nesse sentido entendemos o que Vigotski (1931/2006) chamava de o outro mais experiente que passa a mediar o modo como o jovem entende a realidade.

### **Considerações finais**

Não ter clareza das contradições que vivenciam, traz aos jovens o sentimento de fracasso antes mesmo que os exames vestibulares se iniciem. Sem um espaço para acessar e ressignificar a relação contraditória com o grupo, os estudantes ficam expostos ao risco da sedentarização afetiva (Clot, 2014), da rigidez do sistema psicológico que acaba por perder o contato com a realidade. Insensível ao real, o jovem passa a sustentar

suas escolhas profissionais nas idealizações e fantasias que circunscrevem o campo das profissões.

A escola como cenário que deve promover o desenvolvimento, ao caracterizar-se como conteudista e com objetivo principal de aprovação nos vestibulares, mantém os jovens na condição de quem deve atender a essa expectativa. Logo, os jovens configuram o próprio futuro com base nas expectativas de sucesso de seus professores ou das expectativas de sucesso que circulam nas relações da instituição escolar.

Por se tratar de instituições que visam garantir o ingresso do jovem em universidades de qualidade, há que se observar a prevalência de discursos meritocráticos e individualizantes nas relações engendradas. Os jovens passam a atribuir a responsabilidade pelo sucesso a si próprios e então superar as dificuldades depende do próprio esforço, à própria capacidade de garantir o sucesso profissional e financeiro, desconsiderando-se completamente o contexto e as condições materiais de desenvolvimento a que o sujeito está submetido.

Assim, o não ingresso em uma universidade com poucas vagas e ampla concorrência culmina na culpabilização pela condição em que se encontra o sujeito está circunscrita exclusivamente ao âmbito individual. É o sujeito que não suporta a carga de trabalho, é o jovem que não consegue adentrar em uma universidade de qualidade, mesmo tendo todas as condições garantidas pela família. Desse modo, as condições, os cenários em que esses sujeitos se desenvolvem, suas condições materiais de desenvolvimento não são questionadas.

Cabe questionar se nós, psicólogos, que ocupamos, muitas vezes, o lugar de orientadores profissionais nas escolas, estamos preparados para lidar com os silêncios e tensões e mesmo o sofrimento desses jovens que chegam até nós na ânsia de que os livremos da angústia da dúvida. Estaríamos dispostos a sair do lugar de preditores do futuro, de quem sabe o que o jovem quer e o que é melhor para ele? O que estamos fazendo com as possibilidades de escolha que o sujeito possui quando lhes damos respostas prontas sobre um futuro que não cabe a nós, enquanto profissionais, predizer ou imaginar? Se não é esse o trabalho do psicólogo orientador, qual seria?

Qual deverá ser o papel do psicólogo orientador de escolhas profissionais nesse cenário? Não há modelos de práticas a serem seguidos, mas é importante ressaltar que a prática de Orientação Profissional por meio da arte nos possibilitou colocar o sujeito no lugar de protagonista de sua história. Para que assim, pudesse ampliar consciência,

significar e conviver com suas inseguranças e incertezas. Trata-se de uma prática, portanto, emancipatória, promotora da autonomia e do desenvolvimento humano.

## Referências

- Alvim, J. L. (2011). O papel da escola na orientação profissional: uma análise contemporânea da dimensão teórica e prática na cidade de Presidente Prudente-SP. (Dissertação de mestrado). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP Presidente Prudente/SP. Brasil
- Andrada, P. C. de (2012). O professor de corpo inteiro: a dança circular como fonte de promoção e desenvolvimento da consciência. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica, Campinas, SP, Brasil.
- Barbosa, R. C. (2012) O significado atribuído à escola e ao Ensino Médio por jovens do 3º ano de uma escola pública de São Paulo. Dissertação de Mestrado Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, SP. Brasil
- Brasil. (1996) Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Dispõe sobre a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Obtido em 17 de janeiro de 2015. Recuperado de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/lei/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/lei/L9394.htm).
- Brasil. (2014). Relatório parcial Educação para todos no Brasil. Disponível em [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=15774-ept-relatorio-06062014&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=15774-ept-relatorio-06062014&Itemid=30192)
- Brasil. (2015). Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular – Documento preliminar. MEC. Brasília, DF.
- Clot, Y. (2014). Vigotski: a consciência como relação. *Psicologia & Sociedade*, 26 (n.spe.2) 124-139. Recuperado em 24 de setembro de 2017, de <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v26nspe2/a13v26nspe2.pdf>
- D’Avila, G. T. & Soares, D. H. P. (2003). Vestibular: fatores geradores de ansiedade na cena da prova. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 4(1-2), 105-116.
- Lautério, A. Q. M R. & Nehring, C. M. (2012). Reestruturação do Currículo Escolar: A Trajetória do Ensino Médio e o Conceito de Contextualização. IX ANPED SUL – Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul. Caxias do Sul – RS. In M. G. M. Gonçalves & O. Furtado (Orgs.). *Psicologia sócio-histórica (Uma perspectiva crítica em psicologia)* (pp. 163-178). São Paulo: Cortez.
- Medeiros, F. P. (2017). Vivências de adolescentes da escolha da profissão: um estudo da perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica, Campinas, SP, Brasil.

- Oliveira, A. M. (2012). Entre consumidores e internautas: A outra face da crise do Ensino Médio no Brasil. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria/RS. Brasil
- Petroni, A. P. (2013). Psicologia escolar e arte: possibilidades e limites da atuação do psicólogo na promoção da ampliação da consciência de gestores. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica, Campinas, SP, Brasil.
- Souza, V. L. T. (2016). A Psicologia Escolar no enfrentamento da indiferença na escola: práticas interventivas mediadas pela arte. Projeto Triênio 2016/2018 Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Programa de Pós-Graduação Strictu Sensu em Psicologia. (texto não publicado)
- Souza, V. L. T.; Petroni, A. P. & Dugnani, L. A. (2011). A arte como mediação nas pesquisas e intervenção em psicologia escolar. In R. S. L. Guzzo & C. M. Marinho-Araujo (Org.), *Psicologia Escolar: identificando e superando barreiras* (pp. 261-285). Campinas: Editora Alínea.
- Souza, V. L. T. & Andrada, P. C. (2013). Contribuições de Vigotski para a compreensão do psiquismo. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 30(3), 355-365.
- Veresov, N. (2012). *Perezhivanie and cultural development: a key which opens the door?* Working paper presented to the International Research Group for Early Childhood Education and Development, Monash University, Melbourne. (Mimeo.)
- Vigotski, L. S. (1935/2010). Quarta aula: a questão do meio na pedologia. Tradução: Márcia Pileggi Vinha. *Psicologia USP*, São Paulo, 21(4), p. 681-701.
- Vigotsky, L. S. (2009). *La imaginación y el arte en la infancia: ensaio psicológico*. Madri: Akal.
- Vygotsky, L.S. (1925/2001) *Psicologia da Arte*. São Paulo: Martins Fontes
- Vygotsky, L. S. (1931/2006). *Obras escogidas*. Tomo III. Trad. Lydia Kuper. Madrid: Visor.
- Whitaker, D. C. A. (2010). Da "invenção" do vestibular aos cursinhos populares: um desafio para a Orientação Profissional From the "invention" of the university entrance exams to the communitarian courses: a challenge for Occupational Guidance. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 11(2), 289-297. Recuperado em 12 de abril de 2016 em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbop/v11n2/v11n2a13.pdf>